

A RECUSA DE STEINGERD: A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA MULHER NÓRDICA NA *KORMÁKS SAGA*

Tiago Quintana
Doutorando em Letras Clássicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro.
quintanads@yahoo.com.br

Daniele GallindoGonçalves Silva
Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas/RS
danigallindo@yahoo.de
Recebido em: 04/08/2016
Aprovado em: 04/05/2017

Resumo :

Quando a personagem Steingerd tem a oportunidade de se casar com Kormak, o protagonista da *Kormáks saga*, ela a recusa, apesar de ter demonstrado que ainda nutre sentimentos por ele. Este artigo se propõe a entender sua recusa com base na forma como as personagens femininas são caracterizadas nas sagas nórdicas e em uma análise do desenvolvimento da personagem no enredo.

Palavras-chave: História das Mulheres – Representação literária – Sagas nórdicas – *Kormáks*

Abstract :

When the female character Steingerd has the opportunity to marry Kormak, the main character of *Kormáks saga*, she refuses it, even though she has shown she still has feelings for him. This article proposes to understand her refusal based on how female characters are presented in the Norse sagas, and on an analysis of the character's development in the plot.

Keywords : Women's History – Literary portrayal – Norse sagas – *Kormáks saga*

Introdução

As sagas nórdicas são manifestações culturais significativas de seu contexto sócio-histórico; alguns dos mais proeminentes signos culturais do mundo nórdico, como as concepções de honra e Destino, encontram-se representados nelas. Elas eram narrativas em prosa registradas por escrito na Islândia a partir do séc. XII (embora os manuscritos mais antigos ainda disponíveis sejam do séc. XIII), mas, em sua maior parte,¹ eram originárias de uma cultura oral germânica e escandinava mais antiga (ROSS, 2000, p. 1; 9; 31; 64) – embora seja possível questionar se as sagas como um todo são apenas um registro escrito razoavelmente fiel das histórias originais, ou se foram criações de antiquários medievais que se basearam mais em suas imaginações do que na tradição oral propriamente dita (CLOVER; LINDOW, 2005, p. 239-240).

As sagas são um campo rico para estudos sobre representações da cultura nórdica. Não é necessário julgar a “veracidade” dessas representações; o historiador inglês Peter Sawyer (1928-), por exemplo, já afirmou que as sagas e poemas misturavam “fato” e “ficção”, conforme esses conceitos são compreendidos nos dias de hoje (SAWYER, 1997, p. 225-226), e a folclorista inglesa Jacqueline Simpson (1930-) alerta que “[o] fato de que heróis lendários tais como Sigurd o volsungo eram temas sempre populares na poesia e na arte não significa que todo viking aspirava ser um Sigurd”.² O importante é que, por meio das sagas, é possível estudar parte do imaginário nórdico e, com isso, obter maior discernimento sobre os nórdicos medievais.

Uma das sagas nórdicas é *A saga de Kormak* (*Kormáks saga*, em islandês antigo), uma história que trata de orgulho, paixão e amor proibido. A *Kormáks saga* foi composta em islandês antigo por um autor desconhecido no começo do século XIII, provavelmente baseada em relatos orais, e preservada no *Modruvallabók*, um manuscrito islandês de meados do século XIV que reúne diversas sagas islandesas em sua forma integral (HOLLANDER, 1949, p. 9; 12). Ela fala da vida de Kormak Ogmundarson, um escald³ islandês (c. 945 - c. 975; Idem, 1949, p. 10) que teria sido um poeta da corte do rei Harald Capa Cinzenta (*Harald Greyfell*, Harald II da Noruega) e de Sigurd Haakonson (governante de Trondelag e Halogaland, regiões da Noruega), bem como um dos primeiros poetas islandeses a escrever poemas de louvor a senhores estrangeiros (ROSS, 2000, p. 76-77). Sabe-se pouco mais que isso sobre o Kormak histórico, no entanto.

Na saga, Kormak Ogmundarson é um poeta e guerreiro que se apaixona pela personagem feminina Steingerd. Apesar de ela corresponder ao seu amor, eles não são felizes: o orgulho desmedido de Kormak o leva a insultar a feiticeira Thorveig, e ela o amaldiçoa a jamais ter Steingerd. Kormak perde a data de seu casamento com Steingerd, e a família desta considera o compromisso entre eles rompido. A partir daí a narrativa acompanha as tentativas do poeta de recuperar sua amada, todas frustradas; no fim, ele é obrigado a aceitar que seu amor não estava fadado a se concretizar, e os dois se separam de vez.

É interessante notar que em diversos momentos da história Steingerd mostra que ainda nutre um forte sentimento por Kormak, apesar de ele ter rompido a promessa de casamento. Apesar disso, ao final da saga, quando ela tem a chance de deixar seu marido e casar-se com Kormak sem sofrer nenhuma repercussão negativa (seja de

ordem social ou pessoal), ela escolhe não fazê-lo: “*Steingerður kvaðst ekki skyldu kaupa um hnífa.*” (*KORMÁKS SAGA*, séc. XIII, doravante citado apenas como *KS*).⁴

Por que Steingerd se recusaria a casar-se com o homem por quem demonstrou ainda nutrir sentimentos? A resposta a essa pergunta encontra-se na forma como as personagens femininas costumam ser caracterizadas nas sagas nórdicas e no modo como o desenvolvimento da personagem Steingerd no enredo da *Kormáks saga* não se atém a essa caracterização típica. A proposta deste artigo é descrever brevemente os papéis normalmente atribuídos às personagens femininas na literatura nórdica medieval para então focalizar o papel específico de Steingerd na *Kormáks saga* com base no contexto providenciado anteriormente – isto é, a caracterização típica das personagens femininas nas sagas.

A representação literária da mulher nas sagas nórdicas e as mulheres da saga de Kormak

Em um estudo seminal sobre a categorização das personagens femininas nas sagas, Jenny Jochens (JOCHENS, 1996) oferece quatro papéis para classificar a mulher como personagem literário nas sagas nórdicas: a mulher guerreira, a feiticeira ou profetisa, a vingadora e a amoladora (em referência a uma pedra de amolar lâminas). A autora também discute a representação da mulher nos campos religioso e mitológico – valquírias,⁵ espíritos guardiões⁶ e nornas,⁷ por exemplo –, mas como o propósito de tal classificação ser trazida à tona é aplicá-la à análise da personagem Steingerd (uma personagem literária sem quaisquer significações mitológicas), não se falará mais dessa segunda linha de estudo.⁸

A mulher guerreira,⁹ também chamada de donzela do escudo (tradução literal de *skjaldmaer*, do nórdico antigo; em inglês, *shieldmaiden*), é uma personagem feminina caracterizada principalmente por assumir um papel de homem de armas, a despeito de ser mulher: ela porta armas, veste uma armadura e adentra os combates exatamente como um guerreiro do gênero masculino o faria, sem, no entanto, passar a identificar-se como um homem ou abandonar sua feminilidade de alguma forma. Como exemplo desse tipo de personagem há a princesa Hervor, filha do rei Heidrek, personagem da *Hervarar saga ok Heidreks*. Ao contrário de sua avó (também chamada Hervor, mas que assumiu o nome de Hervard e fingiu ser um homem), a narrativa não faz referência a Hervor vestindo-se de homem ou adotando um nome masculino; ainda assim, ela lidera um exército contra invasores hunos, paramentada para a batalha, e morre em combate.¹⁰

Outro tipo de personagem feminina nas sagas bastante similar à donzela do escudo é a rei-donzela (em inglês, *maiden king*; em nórdico antigo, *meykonung*). Assim como a donzela do escudo, a rei-donzela é uma mulher guerreira, além de possuir poder militar (por exemplo, por ser uma líder viking,¹¹ como Hervor / Hervard) ou sociopolítico (por exemplo, Thornbjorg, da *Hrólfs saga Gautrekssonar*, reinava sobre a região de Uppsala, na Suécia); ao contrário da donzela do escudo, no entanto, ela explicitamente abre mão de sua feminilidade e assume uma identidade masculina. Entretanto, toda rei-donzela estava destinada a submeter-se às convenções de gênero da literatura nórdica medieval, isto é, assumir a identidade feminina e casar-se com um homem (CLOVER, 2005, p. 330). Exemplos de reis donzelas são as supracitadas Hervor / Hervard, da *Hervarar saga ok Heidreks*, e Thornbjorg / Thorberg, da *Hrólfs saga Gautrekssonar*.

A feiticeira, profetisa ou mulher sábia é uma personagem feminina caracterizada por seus poderes mágicos ou seus conhecimentos sobrenaturais, seja ela benévola (não em um sentido moral ou ético, mas sim no sentido de ajudar o protagonista) ou malévola (caso ela o prejudique, direta ou indiretamente). Apesar de também ser chamada de mulher sábia, não basta qualquer tipo de sabedoria mundana; ela tem que ser dotada especificamente de uma sabedoria extraordinária – como o conhecimento sobre o futuro, por exemplo. Como exemplo deste tipo de personagem há as feiticeiras Thorveig e Thordis, personagens da própria *Kormáks saga*. Thorveig é a feiticeira que amaldiçoa Kormak a jamais ter Steingerd, enquanto Thordis tenta (sem sucesso, graças à intervenção do próprio Kormak) desfazer a maldição de Thorveig.

A vingadora e a amoladora são personagens femininas que partilham de um mesmo propósito: vingança. No entanto, enquanto a vingadora busca realizar essa vingança pessoalmente, a amoladora incita o marido, os irmãos, os filhos, algum personagem masculino qualquer, à ação em seu lugar, muitas vezes através do apelo ao dever, à honra ou ao orgulho. Como exemplo de ambos os tipos de personagem há Gudrun, personagem da *Völsungasaga*. Em um primeiro momento, para vingar a morte de seus irmãos, ela mata seus filhos Erp e Eitil e serve suas carnes para Atli, seu esposo; depois, ela atea fogo ao salão de Atli, matando-o. Em outra ocasião, ela insulta seus filhos, Hamdir, Sörli e Erp para incitá-los a vingarem a morte da irmã, Svanhild, pelas mãos do rei Jormunrek.¹²

Outra personagem que serve de exemplo para mais de um papel é Brynhild, outra personagem da *Völsungasaga* e também do poema *Sigrdrífumál*. Em um primeiro momento, ela é uma valquíria, uma mulher guerreira por excelência. Quando Sigurd a resgata do anel de fogo, ela ensina-lhe feitiços para ajudá-lo em suas aventuras, assumindo o papel de feiticeira. Mais tarde, ela se torna a amoladora ao provocar o orgulho de seu marido, Gunnar, até forçá-lo a tomar providências para que Sigurd fosse assassinado, vingando assim sua honra ferida.¹³

Na *Kormáks saga*, há quatro personagens femininas particularmente importantes para o desenrolar da trama: Dalla, a mãe de Kormak; Thorveig, a feiticeira que o amaldiçoa; Thordis, a feiticeira que tenta ajudá-lo; e Steingerd, a amada de Kormak. Steingerd é a mais relevante, pois é quem tem a maior participação na trama depois do próprio Kormak, mas cada uma delas tem sua própria função na história.

Dalla é aquela que oferece sabedoria a Kormak, ajudando-o a controlar sua impulsividade e a tomar decisões mais prudentes, como quando ela o avisa que o pai de Steingerd se mostraria contrário ao amor dos dois, ou quando ela o aconselha a procurar seu parente, Skeggi, e pedir emprestado sua espada encantada para poder enfrentar Bersi. No entanto, seus conselhos sempre são ignorados pelo filho, ou então ele os segue apenas quando já é tarde demais. Seu papel na trama é o de prover um contraste com as ações de Kormak para que possamos julgá-las e ver quão imprudentes são:

Dalla segir: “Lítt verður oss gæfu auðið um þín forlög því að þar hefir þú neitt hinum besta kosti en mjög óvænt að berjast við Bersa. Hann er garpur mikill og hefir góð vopn.” (KS.)¹⁴

Dalla não se encaixa em nenhum dos papéis narrativos femininos apresentados anteriormente, pois não é guerreira, vingadora ou feiticeira, tampouco incentiva seus familiares à vingança, mas possui semelhanças narratológicas com personagens de outras sagas, como a rainha Yrsa, da *Hrólfs saga kraka*: personagens cujo propósito no enredo é oferecer conselhos a outros personagens.

Thorveig e Thordis assumem o papel de mulheres sábias, já discutido. Vale mencionar apenas que Thorveig é antagonista à Kormak, e é graças à sua magia que ele e Steingerd não se casam, enquanto Thordis, embora não seja exatamente sua aliada (visto que ela também ajuda Thorvard, um dos inimigos de Kormak, mediante pagamento), tenta ajudá-lo a quebrar a maldição de Thorveig. A participação de ambas no enredo é limitada: o propósito narratológico de Thorveig é providenciar a razão inicial para Kormak e Steingerd não se casarem, enquanto o de Thordis é ressaltar o orgulho desmedido do filho de Ogmund face ao sobrenatural.

Þórveig mælti: “Það er líkast að því komir þú á leið að eg verði héraðflóttá en synir mínir óbættir en því skal eg þér launa að þú skalt Steingerðar aldrei njóta.” (KS.)¹⁵

Þórdís mælti: “Það mun þó sannast Kormákur að þér mun í síðra lagi mega að duga. Hafði eg nú ætlað að fyrirkoma þeim ósköpum er Þórveig hafði á lagt ykkur Steingerði og mættuð nú njótast ef eg skæri hina þriðju gásina svo að engi vissi.” (KS.)¹⁶

Steingerd, assim como Dalla, não pode ser encaixada em um dos quatro papéis mencionados. Inicialmente, ela é uma personagem quase inteiramente passiva face aos acontecimentos da trama; por exemplo, seu casamento com Bersi foi arranjado por sua família, a despeito de sua vontade contrária à união:

Og er Bersi heyrði þetta vekur hann málið við Þorkel og biður Steingerðar. Þorkell svarar vel og fastnar Bersa systur sína. [...] Þetta var mjög gert í móti vilja Steingerðar. (KS.)¹⁷

No entanto, dado o contexto sociocultural da personagem, isso não seria de se estranhar, pois nas sagas normalmente as mulheres não são consultadas quanto aos seus casamentos (MCTURK, 2002, p. 270). O comportamento ousado e ativo de Steingerd pode ser visto quando ela, em desafio aos desejos de sua família, tenta avisar o escaldo de seu casamento iminente com Bersi para que ele possa impedi-lo:

Steingerður lét kalla Narfa til sín og er þau finnast þá mælti Steingerður: “Það vildi eg frændi að þú segðir Kormáki þessa ráðagerð er hér er stofnuð. Vildi eg að þú kæmir þessu erindi til hans.” (KS.)¹⁸

Ou quando toma a iniciativa de divorciar-se de um jeito particularmente agressivo de Bersi (que tinha acabado de ser derrotado por Steinar, o tio de Kormak, em um duelo e sofrer uma ferida acidental no traseiro), usando um pretexto socialmente aceitável¹⁹ para insultá-lo:

Við þessa atburði lagði Steingerður leiðindi á við Bersa og vill skilja við hann. Og er hún er búin til brottfarar gengur hún að Bersa og mælti: “Fyrst varstu kallaður Eyglu-Bersi en þá Hólmgöngu-Bersi en nú máttu að sönnu heita Rassa-Bersi” og segir skilið við hann. (KS.)²⁰

Ou mesmo quando rejeita os avanços de Kormak. Sempre que Kormak age de maneira impertinente, ameaçando desonrar o nome de Steingerd e de seu marido, ela o repele de maneira decisiva:

Hún kvað enga þörf komu hans, kvað Þorvald eigi mundu þola hefndalaust eða frændur hans. (KS.)²¹

Uma ocasião particularmente notável de Steingerd rejeitando o poeta, dada a metáfora evocada pela cena, é quando ela assume o comando do navio de seu marido e embarca o navio de Kormak após este golpear Thorvald e o deixar desacordado:

Steingerður sat áður hjá Þorvaldi og tók til stýris og stýrði á flatt skip Kormáks. (KS.)²²

Do ponto de vista narratológico, o papel de Steingerd no enredo da saga (isto é, sua função narrativa) é mais do que ser apenas o objeto de desejo de Kormak: suas interações com o filho de Ogmund explicitam a intimidade e a afeição que ainda existe entre ambos (apesar de Steingerd sempre se recusar a consumir esses sentimentos), o que justifica a continuidade da paixão do escaldo e, por sua vez, desperta simpatia para com esse amor insatisfeito; ao mesmo tempo, suas recusas plenamente justificadas (tanto a nível pessoal quanto a nível sociocultural) às tentativas inoportunas de Kormak de reconquistar suas graças ressaltam o preço pago pelo protagonista por suas falhas trágicas.²³ O interesse maior do artigo, no entanto, é observar que Steingerd não está em conformidade com os papéis tradicionalmente reservados às personagens femininas na literatura nórdica medieval e o que isso pode representar ao se fazer a leitura da personagem.

A recusa de Steingerd

Como dito no começo do artigo, Steingerd, mesmo após dois casamentos, ainda demonstra sentimentos sinceros por Kormak apesar deste ter abandonado seu compromisso original. Por exemplo: quando Kormak retorna à Islândia após seu primeiro período na Noruega, ele se encontra com Steingerd e os dois passam o dia e a noite juntos, embora de um jeito casto.

Kormákur kennir Steingerði [...] ríður til móts við Steingerði. Og þegar er þau finnast hleypur Kormákur af baki og tekur hana ofan og setur niður hjá sér. [...] Nú fer nótt að hendi. Taka þau á sig göngu og komu til lítils bæjar og var við þeim tekið og veittur beini slíkur sem þau þurftu. Um nóttina hvíldi sínum megin bríkar hvort þeirra. (KS.)²⁴

Após o primeiro duelo de Kormak com Thorvard, ele enxuga seu suor com o manto de Steingerd, um gesto que denota grande intimidade, mas ao qual ela não reage (em todas as ocasiões em que se descreve que ela ficou incomodada com algo que o escaldo fez, a narrativa lhe deu a oportunidade de manifestar seu desagrado).²⁵ Além disso, enquanto Thorvard se recuperava de seus ferimentos, Kormak continuou a visitá-la sem ser impedido.²⁶

Antes de partir novamente da Islândia, Kormak visita Steingerd e a beija longamente duas vezes. A narrativa informa ao leitor que Thorvald Bate-Folha,²⁷ especificamente, não toleraria isso; sobre a reação de Steingerd, no entanto, nada é mencionado. Isso, mais o fato de que os beijos foram longos, sugere que ela não foi contrária a esse gesto.

Þá er þeir voru búnir fer Kormákur að finna Steingerði og áður en þau skilja kyssir Kormákur Steingerði tvo kossa heldur óhrapallega. Tinteinn vill eigi sógört hafa. (KS.)²⁸

Finalmente, quando todos (Kormak e seu irmão, Steingerd e seu marido) estão na Noruega e Kormak golpeia Thorvald com seu remo, Steingerd choca o navio de seu marido contra o de Kormak, emborcando-o – no entanto, à noite os dois já estão bebendo juntos da mesma taça, novamente denotando a intimidade entre ambos.²⁹

Kormákur sat utar við dyr í tjaldinu og drakk tvímenning á Steingerði. (KS.)³⁰

Além de se poder afirmar que Steingerd ainda é recíproca à paixão de Kormak, há outro fator a se considerar: seu segundo marido, Thorvald, é descrito em termos pouco louváveis não apenas por Kormak, mas também pela narrativa:

Hann var maður auðigur og hagur, skáld og engi skörungur í skaplyndi. (KS.)³¹

Além disso, quando a saga está próxima ao fim e Steingerd é sequestrada pelo viking Thorstein, Thorvald se recusa a tentar resgatá-la, alegando que se encontrava em desvantagem numérica. Em contraste, Kormak imediatamente decide salvá-la:

Þorvaldur segir: “Eigi höfum vér þrek til að berjast við Þorstein en ef þú hefir afla til sæk þú þér til handa.” Kormákur mælti: “Fara skal þá.” (KS.)³²

Quando Steingerd é salva, o próprio Bate-Folha a libera de seu casamento e ainda afirma que Kormak fizera por merecer sua mão; ou seja, eles poderiam se casar sem sofrer nenhuma repercussão negativa (seja de ordem social ou pessoal). Ainda assim, ela escolhe não o fazer:

Steingerður kvaðst ekki skyldu kaupa um hnífa. (KS.)³³

Eis então a questão central deste artigo: por que Steingerd teria se recusado a casar-se com Kormak quando estava enfim livre para tal?

A resposta inicial é por causa da maldição de Thorveig, que condenou Kormak a jamais ter Steingerd. Embora essa resposta esteja correta de um ponto de vista intradieético – isto é, ela satisfaz a necessidade interna da história de coesão e coerência, visto que a saga deixa óbvio que o poder da feitiçaria não é mera superstição por parte dos personagens, mas sim real e poderosa –, ela é insuficiente, pois não

explica a motivação da personagem Steingerd: ela explica *o que* aconteceu, mas não *o porquê*.

Do ponto de vista narratológico, pode-se responder que ela o fez para que os temas da saga não perdessem o sentido; afinal, se Steingerd simplesmente retornasse para Kormak, então ele não teria sofrido nenhuma consequência ao final da narrativa por seu orgulho e impetuosidade excessivos. Porém, mesmo tal resposta não basta para os propósitos deste artigo, pois ela esclarece apenas as necessidades da trama, não as razões da personagem.

Propõe-se aqui que existem dois motivos para Steingerd ter se recusado a casar-se com Kormak, embora nutrisse sentimentos sinceros por ele: autoridade e amadurecimento.

“Autoridade” porque Steingerd não seria capaz de controlar Kormak: ele é impulsivo demais, orgulhoso demais e teimoso demais para ser influenciado por ela. A única ocasião em que ela consegue convencê-lo de algo é quando ela lhe pede que faça as pazes com seu pai para que os dois possam se casar, algo que ele não poderia evitar se quisesse o matrimônio:

Nú biður Steingerður Kormák stunda til föður hennar og fá hennar og fyrir sakir Steingerðar gaf Kormákur Þorkeli góðar gjafir. (KS.)³⁴

Isso é importante, pois Thorvald Bate-Folha, ao contrário, parece completamente submisso a ela. Como exemplo disso, há uma cena em que ela o obriga a levá-la em viagem – um pedido excepcional dentro do imaginário literário nórdico, como visto ao se comparar a cena da *Kormáks saga* com uma cena similar da *Laxdaela saga*, na qual Gudrun tenta convencer Kjartan a levá-la em viagem e ele se recusa:³⁵

Þess er getið að Steingerður biður Þorvald tintein að þau skyldu utan. Hann kvað það eigi ráðlegt en má þó eigi synja henni. (KS.)³⁶

Entre um homem independente e um homem submisso, Steingerd parece preferir o segundo. Nesse ponto, é possível compará-la com outras personagens femininas orgulhosas e voluntariosas, como Hallgerd da *Njáls saga*, que lutam para exercer suas vontades sobre os maridos, embora o fato de Steingerd não se encaixar nos papéis discutidos anteriormente (ao contrário de Hallgerd, por exemplo, que se encaixa no papel da amoladora) a coloque em uma categoria à parte.

“Amadurecimento” – talvez o termo mais adequado seja “desenvolvimento do personagem”, visto tratar-se de uma personagem fictícia, uma construção literária – porque Steingerd, ao longo da saga, mostra tornar-se cada vez mais forte e resoluta. Do início do enredo ao seu casamento com Bersi, ela, em cumprimento às normas de seu contexto sociocultural, apenas submete-se à vontade familiar (embora mesmo então já desafie essa vontade, como quando impede seu pai de ajudar os filhos de Thorveig a atacar Kormak, ou quando obriga Narfi a avisar o escaldo que ela está prestes a se casar com Bersi). Já no momento de seu divórcio, no entanto, ela demonstra uma ousadia até então inédita ao divorciar-se de Bersi de um jeito ofensivo. Essa ousadia é demonstrada ainda em outras ocasiões, como quando ela assume o comando do navio de Thorvald para emborcar o de Kormak.

Ao longo da saga, então, o leitor tem a oportunidade de ver a personagem Steingerd se desenvolver – amadurecer. Em contraste, Kormak é um personagem

estático, isto é, que não se desenvolve no decorrer da história, continuando a agir de maneira “ousada e impetuosa” do início ao fim e cometendo os mesmos erros – em nenhum momento da trama ele parece sequer considerar que precisa oferecer reparações à mulher amada por quebrar seu compromisso, por exemplo.

Esse possível conflito de autoridades e o contraste entre a dinâmica Steingerd e o estático Kormak podem ser observados em outros trechos do enredo:

Steingerður segir: “Það skal eigi verða ef eg má ráða og skildist þú svo að eins við þau mál að þess er þér engi von.” (KS.)³⁷

Kormákur bað Steingerði með sér fara. Hún kvaðst munu skipa um menn og skiljast þau og unír hvortveggja illa við. (KS.)³⁸

Kormak é um personagem estático, ou plano, ou ainda linear – isto é, um personagem que não sofre mudanças psicológicas ou em seu comportamento ao longo da trama. Steingerd, que cresceu como personagem ao longo da história (portanto, é uma personagem esférica, ou evolutiva), não se contenta em apenas seguir as vontades do escaldo: ela é quem tomará as próprias decisões, e uma delas é não comprar uma nova faca.

Conclusão

Birgit Sawyer argumenta que as personagens femininas nórdicas são apresentadas de duas formas: como “esposas e rainhas poderosas”, “orgulhosas, livres e independentes”, ou como pessoas “oprimidas e impotentes”, “objetos das ações de homens” (SAWYER, 1991, p. 214). Entretanto, observando-se não apenas os papéis propostos por Jochens mas também as personagens em si, é possível argumentar que mesmo a primeira representação muitas vezes coloca as personagens femininas em uma posição de inferioridade ao gênero masculino: Thornbjorg / Thorberg precisa assumir uma identidade masculina para manter o poder (e mesmo assim sua história termina com ela sendo derrotada e obrigada a reassumir a identidade feminina), e Brynhild e Gudrun dependem da intervenção de personagens masculinos para conseguirem suas vinganças (vinganças motivadas pela morte de outro personagem masculino), por exemplo. Steingerd é uma subversão dessa representação tradicional das mulheres na literatura nórdica medieval por suas ações demonstrarem orgulho e independência apesar de ela própria não possuir um poder pessoal, militar ou sociopolítico – isto é, não ser guerreira, feiticeira, líder de guerreiros ou senhora de terras. Margrét Eggertsdóttir defende a existência de elementos da comédia na saga, não no sentido moderno de ela ser uma obra de humor, mas sim de fazer um apelo ao ridículo e subverter convenções e expectativas (cf. EGGERSTDÓTTIR, 2008); é possível que a caracterização diferenciada de Steingerd esteja relacionada a isso.

Uma questão recorrente nos estudos da literatura nórdica medieval é a proporção em que os autores das sagas (datadas do séc. XII ao séc. XIV) se inspiraram diretamente em histórias orais mais antigas da cultura escandinava (particularmente as sagas sobre islandeses famosos, como Egil Skallagrímsson ou o próprio Kormak, que são supostamente baseadas em personagens históricas) e a proporção em que eles adicionaram elementos de sua criação ao passar essas histórias para a língua escrita.

Outra questão relacionada é o quanto essas histórias se distanciaram de suas raízes socioculturais ao sofrerem influências ao longo do tempo (tais como influências da religiosidade cristã, por exemplo). Independentemente das respostas a essas perguntas, no entanto, pode-se considerar que uma obra literária, seja ela receptora de uma herança cultural prévia ou uma criação pretendida como original por seu autor, vai além dos desígnios que seu autor tenha em mente e incorpora elementos dos discursos de seu contexto sócio-histórico. Isso vale tanto para obras que tenham como propósito explícito a preservação cultural quanto para aquelas que desejam ser “apenas” uma fonte de entretenimento. Sendo assim, ao se construir o perfil da personagem Steingerd na saga de Kormak, também se lida com questões de história das mulheres e estudos de gênero em relação ao imaginário literário da literatura nórdica medieval, mesmo que apenas tangencialmente.

Forçosamente, quando se trata de desvendar as motivações de personagens literários, é preciso, em algum momento, que haja especulações por parte do estudioso, ainda que sempre com base em evidências textuais. Portanto, não é possível afirmar com certeza as razões de Steingerd para ter rejeitado Kormak: pode-se apenas tentar fazer um estudo dessas razões, ao mesmo tempo em que se faz uma breve análise sobre a representação literária da mulher nas sagas nórdicas (especialmente a maneira como as personagens femininas são usadas no desenvolvimento da narrativa). Com isso, espera-se também demonstrar a riqueza de interpretações que podem ser aplicadas a uma saga que ainda não é muito conhecida no cenário acadêmico brasileiro (mesmo entre os estudiosos da cultura nórdica) e às sagas de maneira geral.

Referências bibliográficas

- BOROVSKY, Zoe. “Never in public: women and performance in Old Norse literature.” *The Journal of American Folklore*, v. 112, n. 443, p. 6-39, 1999.
- BOULHOSA, Patricia Pires. “Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval.” *Signum*, n. 7, p. 13-39, 2005.
- CLOVER, Carol J.; LINDOW, John (ed.). *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: University of Toronto Press, 2005.
- EGGERSTDÓTTIR, Margrét. “The anomalous pursuit of love in *Kormaks saga*.” Trad. Philip Roughton. In: WOLF, Kirsten; DENZIN, Johanna (Ed.). *Romance and love in late medieval and early modern Iceland: essays in honor of Marianne Kalinke*. Ithaca, New York: Cornell University Library, 2008. P. 81-110.
- GENETTE, Gérard. “Fronteiras da narrativa.” Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. In: BARTHES et al. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971. p. 255-274.
- HOLLANDER, Lee M. *The sagas of Kormák and The Sworn Brothers*. New York: Princeton University Press, 1949.
- JESCH, Judith. *Women in the Viking Age*. Woodbridge: Boydell Press, 2005.
- JOCHENS, Jenny. *Old Norse images of women*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1996.
- JOCHENS, Jenny. *Women in Old Norse society*. Ithaca: Cornell University Press, 1995.
- Kormáks saga*. Séc. XIII. Edição eletrônica no site Icelandic Saga Database <http://sagadb.org/kormaks_saga>, acesso em 19/02/2016.
- MCTURK, Rory. “Kormak’s saga.” In: WHALEY, Diana. *Sagas of warrior-poets*. London: Penguin Books, 2002. p. 3-67.

- ROSS, Margaret Clunies (Ed.). *Old Icelandic literature and society*. New York: Cambridge University Press, 2000.
- SAWYER, Birgit. "Women as bridge builders: the role of women in Viking Age Scandinavia." In: WOOD, Ian N.; LUND, Niels (Ed.). *People and places in Northern Europe, 500-1600: essays in honour of Peter Hayes Sawyer*. United Kingdom: Boydell & Brewer, 1991. p. 211-224.
- SAWYER, Birgit. "Women in Viking-Age Scandinavia, or, who were the 'shieldmaidens'?" In: LEWIS-SIMPSON, Shannon (Ed.). *Vinland revisited: the Norse world at the turn of the first millennium*. St. John's, NL: Historic Sites Association of Newfoundland and Labrador, 2003.
- SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford illustrated History of the Vikings*. New York: Oxford University Press, 1997.
- SAXO. *The history of the Danes, books I-IX – volume I*. Ed. Hilda Ellis Davidson. Trad. Peter Fisher. Cambridge: Brewer, 1979.
- SAYERS, William. "Steingerdr's nicknames for Bersi (*Kormáks saga*): implications for gender, politics, and poetics." *Florilegium*, n. 12, p. 33-54, 1993.
- The life and death of Kormak the skald*. Trad. W. G. Collingwood e Jón Stefánsson. New York: Kessinger Publishing, 2004.

¹ Muitas sagas são de criação exclusivamente islandesa (BOULHOSA, 2005, p. 19).

² "The fact that such legendary heroes as Sigurd the Volsung were ever-popular subjects for poetry and art does not mean that every Viking aspired to be a Sigurd." SIMPSON, 1987, p. 15.

³ Poetas da corte da Escandinávia, Islândia e demais regiões de cultura predominantemente nórdica. O vocábulo original é *skald*.

⁴ [Mas] Steingerd não se sentia na obrigação de comprar uma nova faca. (Traduções para o português por Tiago Quintana.)

⁵ Deusas menores a serviço do deus Odin, eram mulheres guerreiras responsáveis por mudarem o rumo de uma batalha de acordo com a vontade de seu senhor e por levarem as almas dos guerreiros mortos para o seu além-vida. Ver GRÄSLUND, Anne-Sofie. "The material culture of Old Norse religion." In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (ed.). *The Viking world*. Nova York: Routledge, 2008. p. 249-256.

⁶ *Fylgjur* e *dísir*. *Fylgjur* são espíritos guardiões de um indivíduo ou de toda uma família, trazendo mensagens premonitórias e oferecendo conselhos; podiam assumir a forma de animais (e assim, refletiam as qualidades interiores de seu protegido de acordo com a forma animal escolhida) ou de mulheres. As *dísir* eram espíritos ligados a locais específicos, como uma fazenda, que traziam prosperidade e boa sorte e recebiam oferendas; no entanto, podiam se voltar contra pessoas (ou famílias inteiras) e trazer ruína e morte. Nem sempre era possível diferenciar tão claramente as *dísir* das *fylgjur*, no entanto. RAUDVERE, Catharina. Popular religion in the Viking Age. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (ed.). *The Viking world*. Nova York: Routledge, 2008. p. 239-240.

⁷ As fiandeiras do Destino, são entidades mitológicas representadas como três mulheres sábias, chamadas Urd (Passado), Verdandi (Presente) e Skuld (Futuro), que decidem o destino de toda a Criação, dos deuses aos mortais. RAUDVERE, Catharina. "Popular religion in the Viking Age." In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (ed.). *The Viking world*. Nova York: Routledge, 2008. p. 238.

⁸ Para um estudo compreensivo sobre a representação mitológica e religiosa da mulher na cultura nórdica, ver JOCHENS, Jenny. *Old Norse images of women*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1996. p. 33-86.

⁹ Ainda existem controvérsias sobre a existência histórica de mulheres guerreiras entre os nórdicos. Saxo Grammaticus, por exemplo, cita a existência delas (cf. SAXO, 1979, p. 212), mas autores como Jenny Jochens argumentam que elas existiram apenas como motivo literário (JOCHENS, 1996, p. xii; ver SAYWER, 2003, para uma discussão mais aprofundada da literatura sobre o assunto). É fato, entretanto, que elas eram presença marcante no imaginário nórdico: podemos comprovar isso não apenas pela existência de personagens femininas que assumiam o papel de mulheres guerreiras nas sagas (por exemplo, a princesa Brynhild, da *Bósa saga ok Herrauds*), como também pela presença das próprias

valquírias na mitologia. Para fins deste artigo, basta constatar a existência da representação de mulheres guerreiras no imaginário nórdico, não confirmar sua existência histórica.

¹⁰ Ver *The saga of Hervor and King Heidrek the Wise*. Trad. Peter Tunstall. 2003. Disponível em: <<http://www.northvegr.org/sagas%20and%20epics/legendary%20heroic%20and%20imaginative%20sagas/old%20heithinn%20tales%20from%20the%20north/018.html>>. Acesso em: 19/02/2016.

¹¹ Vikings eram aqueles que partiam em expedições marítimas de pilhagem, conquista ou comércio como parte de bandos guerreiros a serviço próprio ou de senhores locais; portanto, embora todo viking fosse um nórdico, nem todo nórdico era um viking. Apesar disso, devido à difusão do termo não apenas na cultura popular, mas também na historiografia (fala-se em Era Viking, por exemplo, não Era Nórdica), não é necessário fazer distinção entre “vikings” e “nórdicos” apenas por questões de precisão acadêmica (cf. SIMPSON, 1987, p. 11).

¹² Ver *The story of the Volsungs*. Trad. Eirikr Magnusson e William Morris. 1888. Disponível em: <<http://omacl.org/Volsunga/>>. Acesso em: 19/02/2016.

¹³ Para o episódio de Brynhild ensinando feitiços e dando conselhos a Sigurd, ver BELLOWS, Henry Adams. *The poetic Edda: the heroic poems*. Mineola: Dover Publications Inc., 2007. Para os outros episódios, ver *The story of the Volsungs*. Trad. Eirikr Magnusson e William Morris. 1888. Disponível em: <<http://omacl.org/Volsunga/>>. Acesso em: 19/02/2016.

¹⁴ Dalla declarou: - Pobres são tua sorte e teu destino, pois recusaste uma proposta excelente e terás de enfrentar Bersi. Ele é um grande guerreiro e tem boas armas.

¹⁵ Thorveig disse: - É provável que se suceda que fugirei destas terras sem compensação por meus filhos, mas pagarei a ti de tal modo que nunca terás Steingerd!

¹⁶ Thordis disse: - Fica provado que és uma pessoa difícil de se ajudar, Kormak. Eu teria quebrado a maldição que Thorveig colocou sobre ti e Steingerd se eu tivesse matado o terceiro ganso sem que ninguém me visse.

¹⁷ E quando Bersi ouviu isso, ele trouxe o assunto à tona com Thorkel e pediu a mão de Steingerd. Thorkel respondeu em afirmativo e selou o noivado de sua irmã com Bersi. [...] Tudo isso foi feito completamente contra a vontade de Steingerd.

¹⁸ Steingerd convocou Narfi, e quando se encontraram, ela disse: - Desejo, meu parente, que avises a Kormak sobre isso que estão fazendo. Desejo que entregues esta mensagem a ele.

¹⁹ William Sayers afirma que a justificativa legal para o divórcio de Steingerd (o fato de Bersi ter sofrido uma ferida no traseiro, o que seria uma ferida simbólica em sua masculinidade) não seria razoável, do ponto de vista jurídico, no contexto sócio-cultural islandês da época representada na saga; mas o seria, no entanto, no contexto literário, visto que outras personagens femininas das sagas também recorrem a queixas de mesmo nível de gravidade. Ver SAYERS, William. “Steingerdr’s nicknames for Bersi (*Kormáks saga*): implications for gender, politics, and poetics.” *Florilegium*, n. 12, p. 33-54, 1993.

²⁰ Como resultado desses acontecimentos, Steingerd desenvolveu uma ojeriza por Bersi e quis separar-se dele. Assim que estava pronta para partir, ela foi ter com Bersi e disse: - Primeiro foste conhecido como Bersi dos Olhos Cansados, e então como Bersi o Duelista, mas agora podes ser verdadeiramente chamado de Bersi do Traseiro. – E despediu-se dele.

²¹ Ao que ela respondeu que ele não devia visitá-la, [pois] Thorvald e seus parentes se vingariam.

²² Steingerd estivera sentada ao lado de Thorvald; ela assumiu o timão e chocou seu navio contra o de Kormak.

²³ Para um tratamento mais aprofundado sobre as falhas trágicas de Kormak e uma releitura da *Kormáks saga* como uma história trágica, ver: QUINTANA, Tiago. *Orgulho e tragédia em A saga de Kormak*. Vitória: DLL/UFES, 2011.

²⁴ Kormak reconheceu Steingerd [...] [e] cavalgou até [ela]. Quando se encontraram, ele saltou do cavalo, puxou-a da sela e colocou-a ao seu lado. [...] A noite se aproximava. Eles andaram até chegarem a uma pequena fazenda, onde foram bem recebidos com toda a hospitalidade que precisavam. À noite, dormiram em lados diferentes de um biombo.

²⁵ Ver COLLINGWOOD, W. G.; STEFÁNSSON, Jón. *The life and death of Kormak the skald*. Nova York: Kessinger Publishing, 2004. p. 19; 37-38; 43-45; 54-55.

²⁶ Ver MCTURK, Rory. “Kormak’s saga.” In: WHALEY, Diana. *Sagas of warrior-poets*. Londres: Penguin Books, 2002. p. 57.

²⁷ Referência à profissão de ferreiro do personagem. Na tradução para o inglês de Collingwood e Stefansson, ele é chamado de *Thorvald the Tinker*, isto é, Thorvald, o Latoeiro; na de Hollander e na de McTurk, *Thorvald Tintein*; e no original, *Thorvaldur tinteinn*.

²⁸ Quando estavam prontos [para partir], Kormak foi se encontrar com Steingerd, e antes de se despedirem ele a beijou duas vezes demoradamente. O Bate-Folhas não aceitou isso.

²⁹ Ver nota explicativa 54 em MCTURK, Rory. "Kormak's saga." In: WHALEY, Diana. *Sagas of warrior-poets*. Londres: Penguin Books, 2002. p. 273, na qual o autor explica que homens e mulheres beberem juntos era uma prática aceitável quando se bebia em grupo, mas que essa imagem também era usada com frequência – tal como neste episódio – para sugerir intimidade.

³⁰ Kormak sentava-se próximo à entrada da tenda e bebia do mesmo recipiente que Steingerd.

³¹ Ele era um homem rico e hábil, e um poeta, mas não tinha o temperamento nobre.

³² Thorvald disse: - Não temos forças para enfrentar Thorstein, mas se tiveres, ganha o que puder para ti. Kormak respondeu: - Assim será feito.

³³ Ver nota iv.

³⁴ Steingerd pediu a Kormak que cultivasse uma amizade com seu pai para obter dele sua mão, e por [ela], Kormak deu presentes a Thorkel.

³⁵ Ver *The Laxdaela saga*. Trad. Muriel Press. 1899. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/neu/ice/lax/index.htm>>. Acesso em: 12/06/2017.

³⁶ Diz-se que Steingerd falou a Thorvald Bate-Folha que deveriam viajar. Ele respondeu que isso não era aconselhável, mas não conseguiu recusar-lhe o pedido. (Ver ainda nota explicativa 51 em MCTURK, Rory. "Kormak's saga." In: WHALEY, Diana. *Sagas of warrior-poets*. Londres: Penguin Books, 2002. p. 273, em que o autor explica que esse pedido seria excepcional durante a Era Viking, mas não em períodos posteriores.)

³⁷ Steingerd declarou: - Isso não se dará se eu tiver qualquer poder sobre o assunto. Não debes ter qualquer esperança disso.

³⁸ Kormak chamou Steingerd para ir embora dali com ele. Ela respondeu que ela decidiria quem a acompanharia, e ambos se despediram, muito insatisfeitos.